

## Pulsões de Vida e de Morte do “Velho do Restelo”



Os Lusíadas de Luís de Camões<sup>1</sup> - Óleo de Carlos Alberto Santos

*Beatriz Leite*  
*Luciana Helena Mussi (monitora)*  
*Ruth Gelehrter da Costa Lopes (docente)*

### Introdução

**S**empre passei muito tempo com minha avó quando criança. Sou a única filha, sobrinha e neta na família por parte de minha mãe. Enquanto meus pais trabalhavam, eu ficava com ela, minha avó. Porque convivemos tanto tempo juntas e, por consequência, com as vizinhas, também idosas, me sinto muito confortável entre pessoas mais velhas. Creio que isso foi bastante importante no despertar do meu interesse sobre o envelhecimento e a velhice.

Quando discuti sobre o tema de meu trabalho com a Professora Ruth Gelehrter da Costa Lopes na Disciplina/Eletiva “Envelhecimento na Literatura: Revelações” - Graduação em Psicologia/PUCSP- pensamos, inicialmente em usar algo folclórico ou algum conto antigo, talvez, alguma literatura mais próxima de mim, das minhas origens portuguesas. A princípio eu pensei em um

---

<sup>1</sup> Canto IV estâncias 94-104: O *Velho do Restelo*- impreciação de um ancião, enquanto a frota larga do Restelo, contra os motivos que levam os homens a desafiar o Longínquo (e que talvez represente um dos pontos de vista contraditórios que se debatem no próprio Camões). Disponível em : <http://www.tabacaria.com.pt/lusiadas/restelo.htm>

conto indiano, mas depois da sugestão de Lopes fui procurar algo relacionado à minha cultura. Como minha avó era portuguesa, cheguei ao trecho do “Velho do Restelo” de *Os Lusíadas*.

Na reflexão sobre a imagem do velho, ao tomar o personagem do episódio de *Os Lusíadas*, é preciso levar em consideração o contexto histórico, que é bastante distante do atual.

Considerando esse fato, a imagem que chega até nossos dias é a de uma figura mais caricata, que, talvez, explicita traços da imagem do velho na sociedade atual e que mantemos fortemente no nosso imaginário. Traços dentre os quais se destaca o que pode ser chamado de “fatalismo”: uma espécie de pesar acerca de um futuro determinado, que é a velhice e a perspectiva de envelhecimento.

No entanto, não penso nesse pesar como algo necessariamente negativo, mas como parte do envelhecer, como a constatação, ou até mesmo aceitação, de aspectos dessa fase final da vida. Isso que chamei de “fatalismo” pode, portanto, funcionar como um mecanismo de defesa, se apresentando ora como pulsão de vida, ora como pulsão de morte.

Evidentemente, dizer sempre que não se sabe se estaremos vivos amanhã, não implica numa aceitação em relação à morte. Não pretendo afirmar que seja fácil lidar com as perdas, parte do envelhecimento, mas creio que certa medida de aceitação pode ser bastante benéfica. O “fatalismo”, por assim dizer, pode trazer novas motivações para a pessoa. Um idoso que consegue encarar isso de maneira mais ou menos saudável, muito provavelmente encontrará mais motivos para se manter ativo, de acordo com as limitações que a idade traz, e, por consequência, mais saudável.

Podemos pensar nessa fase do desenvolvimento humano como algo tragicômico. A partir da aceitação dos fatos que marcam a velhice, a tragédia de não saber se estaremos vivos amanhã (pulsão de morte), pode vir a se tornar a “comédia” de aproveitar os momentos que restam da melhor forma (pulsão de vida) quando o fatalismo pessimista em relação à vida se mistura com o desejo de continuar vivendo.

Essa mistura pode trazer a leveza que faz da tragicomédia do envelhecimento uma fase de vida rica em experiências e que impulsiona o homem a viver melhor.

### **Sobre a obra**

*Os Lusíadas* é a epopeia portuguesa de Luís Vaz de Camões, publicada em 1527. A obra fala da época das grandes navegações do reino de Portugal. Os dez cantos que constituem o livro têm como principal assunto a viagem de Vasco da Gama às Índias.

No canto IV, Vasco da Gama narra a história do reino desde a dinastia de Avis até a partida da armada mar afora. No trecho final surge “O Velho do Restelo”, que se apresenta como uma oposição, um anticlímax, alertando sobre a vaidade dos homens ao se lançarem nessas aventuras marítimas, os perigos, as consequências de sua cobiça e bravura.

Na mesma medida em que as palavras do velho censuram e criticam a atitude dos navegantes, também ressalta o heroísmo desses homens que buscam “o incerto e incógnito perigo/ Por que a fama te exalte e te lisonje / Chamando-te senhor, com larga cópia” (5º, 6º e 7º versos, estrofe 101, canto IV).

Porém, o que marca sua fala é um desdém pelo “povo néscio”, como chama os que se aventuram.

“O Velho do Restelo” é a voz da sabedoria, o conselho de quem sabe “só de experiências feito” (7º verso, estrofe 94, canto IV), que se torna em alguma medida autoridade sobre os mais jovens.

Por outro lado, é o velho que condena a partida de tantos homens para outras terras, que não lida bem com novas ideias: “à bruta crueza e feridade/ Puseste o nome ‘esforço e valentia’” (versos 3º e 4º, estrofe 99, canto IV).

É o único personagem da obra que fala dos aspectos e consequências negativas que surgem por causa das navegações. Em alguma medida, o discurso do velho é Camões falando dos acontecimentos da época, a partir de sua visão humanista.

O Velho aparece depois das despedidas chorosas e lamuriosas das mulheres. “Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso/ Amor mais desconfia, acrescentavam/ A desesperação e frio medo/ De já nos não tornar a ver tão cedo” (versos 1º, 2º, 3º e 4º, estrofe 89, canto IV). Ele é a reação racional em oposição a toda emoção das despedidas.

Vasco da Gama tem clara consciência da verdade e sensatez de suas palavras “tais palavras tirou do experto peito” (8º verso, estrofe 94, canto IV). Mas, não podia admiti-lo, porque estava cumprindo ordens do rei, “me põe o ínclito Rei nas mãos a chave / Deste cometimento grande e grave.” (7º e 8º versos, estrofe 77, canto IV).

## **Desenvolvimento**

Por meio do que chama de desejo, Freud descreve como, a partir da experiência de satisfação de necessidades primárias, surgem “caminhos facilitados” de saciação de nossas vontades.

É na relação com o corpo do outro, da mãe, que começamos a criar esses caminhos, quando o seio que amamenta passa a ser fonte de prazer, além de fonte de alimentação.

A atividade da pulsão não implica em uma representação prévia da meta ou do objeto. Pulsão não é necessidade, é a impulsividade volitiva, uma força energética, direcionada a um objeto indeterminado em busca de prazer ou desprazer. Similar ao instinto no que diz respeito a impulsividade, mas diferente porque não é algo definido biologicamente.

A pulsão de vida se relaciona com a libido do eu, à questão do narcisismo e à auto conservação. O eu como objeto de si mesmo se encarrega da busca de prazer e evitação de desprazer para a própria preservação. Seria representada pelas ligações amorosas / afetivas que estabelecemos com o mundo, com os outros e conosco. As pulsões de vida, no entanto não se dão por si só, são sempre acompanhadas das pulsões de morte, e vice-versa.

A pulsão de morte pode ser representada pela agressividade, voltada para o outro ou para si, direciona a libido à inércia, ao retorno, em manutenção da situação que evita desprazer. De alguma forma, é caracterizada pela compulsão à repetição. Em tal fenômeno, o aparelho psíquico não apenas descarrega a libido, mas a libido está relacionada a situações desagradáveis. As pulsões de morte têm, nesse sentido, um caráter regressivo, de redução de tensões, que só pode se alcançar plenamente na morte.

Pensando nesses conceitos, podemos visualizar essas duas forças como parte do processo de envelhecimento, naquilo que chamo de “fatalismo”. A figura do “Velho do Restelo”, em seu discurso manifesta essas forças, ainda que exista, aparentemente, uma predominância da pulsão de morte.

A fala do Velho ressalta a periculosidade das novidades que trazem as navegações, todas as tensões que surgem por causa da partida de tantos homens e do “se lançarem” ao mar em busca de outras terras, outras conquistas, outras glórias, abandonando o Reino. Ele busca claramente o alívio dessas tensões, o que explicita a pulsão de morte em sua fala.

Todas as críticas aos comportamentos dos navegantes e do próprio Rei, por incentivarem a empreitada, são motivadas por essa força que tem como objetivo suprimir as tensões que dominam sua fonte e causam essa reação.

Não podemos falar das pulsões de vida e de morte de forma separada já que encontramos, também, pulsões de autopreservação em seu discurso.

O fato de o Velho ser o único a se pronunciar em meio ao evento da partida das Naus<sup>2</sup> com homens aclamados em despedidas é também pulsão de vida.

---

<sup>2</sup> Nau é uma denominação genérica dada a navios de grande porte até o século XV usados em viagens de grande percurso. Em vários documentos históricos a nau surge com a denominação de nave (do latim navis), termo utilizado quase sempre entre 1211 e 1428. Opõe-se-lhe o termo

O Velho busca a preservação daquilo que já lhe é familiar e conhece bem. Alerta os aventureiros: “Buscas o incerto e o incógnito perigo,/ Por que a Fama te exalte e te lisonje/ Chamando-te senhor, com larga cópia,” (5º, 6º e 7º versos, estrofe 101, canto IV).

É a pulsão de vida que o faz tirar “palavras do experto peito” (8º verso, estrofe 94, canto IV), que o faz levantar a voz contra tudo aquilo que ele, por “saber só de experiências feito” (7º verso, estrofe 94, canto IV), vê como:

“Dura inquietação da alma e da vida,/ Fonte de desamparos e adultérios,/ Sagaz consumidora conhecida/  
De fazendas, de reinos e de impérios!/ Chamam-te ilustre, chamam-te subida,/ Sendo digna de infames vitupérios;/  
Chamam-te Fama e Glória soberana,/ Nomes com quem o povo néscio se engana!” (estrofe 96, canto IV)

É exatamente por causa de sua sabedoria que ele consegue criticar os navegantes.

O fatalismo, que o discurso do Velho suscita como uma aceitação de uma série de perdas previsíveis e inevitáveis, que cremos, ser parte do processo de envelhecimento, é um bom exemplo dessa dualidade do psiquismo humano.

### **Considerações finais**

Quando falamos em envelhecimento, é importante pensar nas perdas que fazem parte dessa fase e na elaboração do luto das mesmas. A constatação e aceitação das novas limitações que surgem nesse processo são de grande benefício para o bem-estar do idoso.

Não podemos pensar apenas na falta que as perdas trazem, devemos procurar o que a falta traz de novo em possibilidades. Se, frente a uma reclamação de um homem ou uma mulher que envelhecem ficarmos presos à imagem do velho que reclama - inflexível e insatisfeito - seguramente encontraremos pelo caminho dificuldades em nos permitir uma escuta diferenciada e, conseqüentemente, um novo olhar sobre a velhice.

Esse fato só reforça o “fatalismo” que comentamos anteriormente (não podemos esquecer que as relações se fazem numa via de duas mãos).

A atitude negativa do Velho não quer dizer que ele não seja capaz de ter um comportamento e imagem mais positiva de si. Não devemos nos prender a um estereótipo do velho que reclama e não aceita mudanças (pulsão de morte).

---

embarcação, aplicado a barcos de menores proporções, utilizados em percursos pequenos. Que foi muito utilizada em meados do século XV e XVI. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nau>.

Na verdade, ele procura “se preservar” preservando o ambiente que já lhe é familiar (pulsão de vida).

## Referências

DE CAMOES, L.V. *Os Lusíadas: Canto IV*. São Paulo: Martin Claret, 2000.

MONITORIA DE PSICANÁLISE SP. *Definições: Pulsão, Pulsão de Vida, Pulsão de Morte, Princípio de Nirvana, Princípio de Prazer, Princípio de Realidade*. Disponível em

<http://monitoriapsicanalisesp.blogspot.com.br/2010/03/definicoes-pulsao-pulsao-de-vida-pulsao.html>. Acesso em 23/05/2014.

RUDGE, A.M. *Pulsão e Linguagem: Esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

*Data de recebimento: 18/7/2014; Data de aceite: 13/8/2014.*

---

**Beatriz Leite** - Aluna do curso de graduação de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica – PUCSP, 5º semestre. Email: [leitebeatriz@rocketmail.com](mailto:leitebeatriz@rocketmail.com)

**Luciana Helena Mussi** – Engenheira, Psicóloga e Mestre em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Doutoranda em Psicologia Social, também pela PUCSP. Colaboradora do Portal do Envelhecimento. Associada do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (Olhe). Email: [lucianahelena@terra.com.br](mailto:lucianahelena@terra.com.br)

**Ruth Gelehrter da Costa Lopes** - Supervisora de Atendimento Psicoterapêutico à Terceira Fase da Vida. Profa. Dra. Programa Estudos Pós Graduados em Gerontologia e no Curso de Psicologia, FACHS. Email: [ruthgclopes@pucsp.br](mailto:ruthgclopes@pucsp.br)